Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.962
ESTUDOS BÍBLICOS

O Cântico dos cânticos:

uma ode à plena sexualidade

The Song of Songs: an ode to full sexuality

Karen de Souza Colares*

* Doutora em Teologia e Mestra em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), Especialista em Bíblia (Faculdades Est). Professora de Teologia em seminários eclesiais para leigos na cidade de Belo Horizonte.
karencolares5@gmail.com

Recebido em: 05/09/2022
Aprovado em: 03/07/2023

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

O que dizer de um livro bíblico que segue a um só tempo desconhecido e urgente? O Livro do Cântico dos Cânticos se encaixa com perfeição nessa descrição. Erótico, constrangedor e ofegante, suas páginas escondem preciosas contribuições para a reflexão da sexualidade em geral e especificamente, das mulheres. Ao contrário do que se imagina, a sexualidade não é constituída por emoções inatas. No entanto, as construções sociais para homens e mulheres se apresentam de modo significativamente díspare. As expectativas que norteiam a conduta sexual feminina são, não apenas específicas, mas tolhedoras. Em uma sociedade regida por orientações androcêntricas, em muitos momentos, a sexualidade das mulheres não recebeu atenção em si mesma, mas sempre de forma mediada. Em tempos nos quais conservadorismos e moralismos ressoam como ortodoxia bíblica e cristã, este texto emerge como uma ode à plenitude da sexualidade. O que um livro como Cântico dos Cânticos tem a dizer em face destes cenários? Que tipo de hermenêutica é capaz de permitir a este texto a fala desimpedida e relevante? Uma das grandes contribuições do Livro de Cântico dos Cânticos reside em que o corpo é afirmado como fonte de prazer e espaço de criatividade que reflete a integralidade humana: personalidade e emoções, e assim, resgata a verdadeira natureza do que seja o sexo, cujo deleite toda mulher pode agora vivenciar, e é isso que este artigo pretende demonstrar.

Palavras-chave: Cântico dos cânticos. Sexualidade. Mulheres. Gênero. Bíblia.

Abstract

What about a biblical book that remains at once unfamiliar and urgent? The Book of Song of Songs fits that description perfectly. Erotic, embarrassing and breathless, its pages hide precious contributions to the reflection of sexuality in general and specifically, of women. Contrary to popular belief, sexuality is not constituted by innate emotions. However, the social constructions for men and women are significantly different. The expectations that guide female sexual behaviour are not only specific, but also restrictive. In a society governed by androcentric guidelines, women's

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

sexuality has often not received attention in itself, but always in a mediated way. In times when conservatism and moralism resonate as biblical and Christian orthodoxy, this text emerges as an ode to the fullness of sexuality. What does a book like Song of Songs have to say in the face of these scenarios? What kind of hermeneutics is capable of allowing this text to speak unimpeded and relevantly? One of the great contributions of the Book of Song of Songs lies in the fact that the body is affirmed as a source of pleasure and a space for creativity that reflects human wholeness: personality and emotions, and thus rescues the true nature of what sex is, whose delight every woman can now experience, and this is what this article intends to demonstrate.

Keywords: Song of Songs. Sexuality. Women. Gender. Bible.

1 Introdução

Cercado de polêmicas, o Livro de Cântico dos Cânticos segue causando perplexidade. Oito capítulos e uma trajetória de interpretação que pouco consenso encontrou, o livro permanece desconhecido em muitas comunidades de fé: "É quase como se não existisse na Bíblia: não é usado… ou é mal-usado. Não é dito, ou é mal-dito" (PEREIRA, 1993, p. 145). Sua temática, eminentemente erótica, tem sido motivo de embaraço e confusão. Tão incompreensível seu propósito dentro da Bíblia, dela quase foi expulso, afinal, por que um livro tão profano comporia o cânon sagrado?

O fervor presente em suas linhas faz ofegar: paixão, aromas, busca e entrega. O estilo do qual se vale, a poesia lírica, é por definição curto e sem transposições suaves, o que faz com que haja grande movimentação, nos versos e no encontro dos amantes. A vivacidade de suas descrições faz transbordar o clima da experiência. Não sem motivos, se sentiu que tamanha força precisava ser controlada.

A fim de lidar com o constrangimento suscitado por sua franqueza, interpretações variadas deslocaram os corpos ali presentes para fora de seu contexto. Ora o amado fora entendido como sendo Javé em seu amor por Israel, a amada; ora, como Cristo, o noivo da Igreja. Talvez agora soe meio absurdo, mas leituras que não se valessem desse tipo de lente poderiam render aos desavisados, a excomunhão, e isso até a metade do século XX (FRETTLOEH, 2002, p. 636). O Livro de Cântico chegou mesmo a ser apelidado, "ateológico", dada a ausência de temáticas que contemplassem de alguma forma a reflexão sobre Deus.

Sua formação foi também alvo de grande especulação. Trabalhos mais recentes têm encarado o livro como uma coletânea de cânticos de amor, possivelmente autônomos e depois agrupados na forma atual. Mas qual seria o pano de fundo sobre o qual surge uma literatura dessa natureza? Sugeriu-se o ambiente de celebração de bodas ou de modo bem genérico, o mundo dos amantes, que por certo, renderia material mui apropriado para banquetes de casamento.

A despeito das dificuldades referentes ao trato com seu conteúdo, fato é que os poemas emergem sem mais. O Livro não conta com introdução, referência temporal ou justificativa. O amor e erotismo aparecem como um fim em si mesmos. Acaso demandaria o desejo explicações? Ele apenas é. Uma realidade inegável. Justamente por isso, atentar à história dos corpos presentes no texto tem se mostrado a melhor abordagem possível.

Permitindo-se ao texto falar abertamente, este cantará o amor, mas não enquanto conceito desencarnado. Se algumas vertentes de pensamento imaginaram o verdadeiro ser humano como uma alma etérea e flutuante, cujo corpo lhe servia de casca inútil, Cântico

se recusa a um tal dualismo. Sua ode celebra o corpo como único meio de expressão da pessoa amada, melodia à bondade e dignidade do amor físico, pois, "O amor é também relação. Os sentidos em relação. A minha mão na outra mão. A minha boca na outra boca. O meu nariz num outro pescoço. A minha mão nas entradas e dobras. O meu ouvido nas suas cordas vocais. No amor, um corpo conhece o outro numa relação entre iguais totalmente diferentes e a minha diferença se escancara na outra diferença" (PEREIRA, 1993, p. 144). Assim, o *Canticum Canticorum* ou o mais excelente entre os cânticos, convidanos ao deslumbramento desta poderosa força a configurar nossa humanidade: a sexualidade.

2 A sexualidade

A sexualidade humana é fenômeno rico e multifacetado. Diversas ênfases podem ser dadas no tratamento da temática, sem contudo, esgotar seu potencial. Presente desde o nascimento até a morte, não há como esquivar-se das questões trazidas pelo dado sexual. Ser sexuado abre porta a diversas possibilidades de fecundidade, não apenas biológica, mas psicológica, social e espiritual: "O ser humano nunca se encontra diretamente consigo mesmo numa identidade perfeita, mas sempre numa diferença. Ele se encontra com a imagem e a ideia que faz de si mesmo; encontra-se no trabalho e na obra que produz [...]" (BOFF, 2000, p. 64). Sendo assim, o desenvolvimento enquanto pessoa plena é uma das mais significativas funções da sexualidade humana. É no encontro com alguém que se me apresenta em alteridade, que posso reconhecer a pessoalidade de ambos, do outro e minha própria.

Ao contrário do que se imagina, a sexualidade não é constituída por emoções inatas. É no convívio em comunidade que aprendemos o comportamento sexual. No entanto, as construções sociais para homens e mulheres se apresentam de modo significativamente díspar. As expectativas que norteiam a conduta sexual feminina são, não apenas específicas, mas tolhedoras. Em uma sociedade regida por orientações androcêntricas, em muitos momentos, a sexualidade das mulheres não recebeu atenção em si mesma, mas sempre de forma mediada, deixando pouco espaço para a autopercepção sexual feminina. Dizer do desejo ou da necessidade sexual era algo impensável, a não ser que a mulher em questão não se importasse em arriscar sua boa fama. Por muito tempo, só existiam duas possibilidades em termos de sua identidade: santa ou sedutora, madona ou puta (HOOKS, 2018, p. 101).

A reflexão antropológica, aquela que analisa a experiência de ser humano, se valeu, em grande medida, do ponto de vista masculino, sendo necessário que agora, nos perguntemos sobre o que significa ser gente no corpo físico que as mulheres habitam, especialmente quando a particularidade de ter um corpo feminino implica o mando cultural e religioso de se abdicar do corpo pelo bem alheio: seja como mães, objetos de exploração sexual ou bens de consumo à venda (DELGADO, 2013, p. 41).

O que seria então, falar de sexualidade, a partir deste lugar, o corpo feminino? Wolf nos oferta uma fogosa descrição:

> Tecnicamente, os órgãos sexuais femininos são mesmo o que as antigas religiões temiam como a 'boca insaciável'. Capazes de orgasmos múltiplos, de orgasmo contínuo, de um orgasmo clitoridiano forte e surpreendente, de um orgasmo aparentemente centrado na vagina, que é emocionalmente avassalador, de um orgasmo por ter os seios acariciados e de inúmeras

> variações de todas essas reações combinadas, as mulheres têm uma capacidade de prazer genital teoricamente inesgotável (WOLF, 2020, p. 193)

Na presença de uma tal resenha, surge naturalmente a pergunta: Por que as mulheres, no geral, se veem alienadas dessa prodigiosa capacidade sexual? Os entraves à plenitude ainda permanecem ou estaria o cerceamento à liberdade sexual presente apenas nos anos anteriores à revolução sexual dos anos 60? Mais importante ainda, o Livro de Cântico dos Cânticos tem algo a oferecer para inspirar e libertar esse potencial hoje?

3 A sexualidade feminina e os entraves em seu caminho

A sexualidade feminina sempre foi um campo sob intensa disputa. O corpo das mulheres é alvo de diversas práticas que intentam discipliná-lo e fazê-lo encarnar parâmetros idealizados de feminilidade. Essas atitudes podem ser divididas, em linhas gerais, em quatro grupos. Um primeiro conjunto de sujeições procura produzir o corpo feminino ideal com certas proporções e configurações. Um segundo grupo de sugestões busca suscitar o corpo feminino "dócil", inculcando para isso um repertório específico de gestos, posturas e movimentos. A ideia aqui é que a linguagem corporal feminina seja contida em termos espaciais e nesse sentido, recatada, tímida. O terceiro tipo de convenções determina que seu corpo seja uma área ornamental. Maquiagem, tratamentos estéticos, capilares e cirúrgicos cuidam de fazer com que a mulher possa apresentar-se "corretamente". Por fim, um quarto tipo de estratégias articula todas as anteriores para produzir o corpo "feminino" ideal em termos de raça, cultura, classe e religião, como que produzindo uma noção de feminino que seja hegemônica (SCHÜSLER FIORENZA, 1994, p. 171-172).

Todas estas imposições deixam entrever a realidade de que não lhes resta espaço para o desenvolvimento de auto-consciência e auto-determinação. No espelho, elas não veem a si mesmas, mas sua distância em relação a um modelo. Notoriamente, sua sexualidade é agenciada por padrões ainda mais diretos e problemáticos, entre os quais, aqueles que circulam na pornografia, indústria que gera em torno de US$ 7 bilhões por ano - mais do que o faturamento conjunto das indústrias fonográfica e cinematográfica tradicionais.

No ranking da produção pornográfica, o Brasil possui lugar de destaque: é o segundo maior produtor de vídeos dessa natureza no mundo (ROPELATO *apud* D'ABREU, 2013, p. 592). O aumento de acesso à internet, o advento dos canais *pay-per-view* e o mercado de cópias piratas vem reconfigurando o uso de pornografia no país, sendo esta, inclusive, utilizada como ferramenta de educação sexual - o que certamente deixa sérias lacunas para a prática efetiva, tendo em vista ser esse tipo de material intensamente fantasiado e de modo generalizado, unilateral em sua perspectiva.

Diante da massiva circulação desse tipo de peça cabe uma cuidadosa avaliação dos possíveis obstáculos à plenitude da sexualidade feminina que é capaz de erigir.

4 O obstáculo da dissimetria

O debate acerca dos efeitos do uso de pornografia ao redor do mundo é acirrado. No Brasil ainda existe necessidade do desenvolvimento de discussões científicas consolidadas com embasamento empírico. Várias feministas têm entendido a produção pornográfica como um dos mais importantes veículos de reprodução sistêmica das desigualdades de gênero. Por desigualdade de gênero tem-se em vista as diferenças entre os sexos nos papéis

socialmente constituídos que favorecem a um único grupo. Tal disparidade "é substantivamente criada e reproduzida – isto é, é feita – através de imagens e palavras" (MACKINNON *apud* SILVA, 2013, p. 157). A ideia aqui é que esse tipo de expressão influencia decisivamente como a mulher é percebida socialmente, definindo interações e consequentemente limitando suas possibilidades.

A dissimetria presente em materiais pornográficos se expressa em elementos óbvios e também sutis como o uso que se faz da autoridade, profissão, vestimenta, idade e posição durante o ato sexual, além da infantilização da figura feminina que veste uniformes escolares, laços e presilhas reafirmando a percepção hierárquica. A retórica aqui presente corrói a aceitação social da igualdade entre os gêneros não apenas em termos amplos, mas sobretudo nas relações íntimas.

Conectado à desigualdade, temos a desagradável realidade da violência. Em países onde o status da mulher é mais baixo, existem maiores taxas de violência contra a mulher, o que sugere que tais agressões têm mais a ver com desequilíbrio de poder entre homens e mulheres do que com sexo em si.

5 O obstáculo da violência

Evidentemente, a pornografia não é causa direta, mas um dos fatores de risco para a agressão sexual, sendo importante esclarecer algumas sutilezas. Nem toda produção pornográfica se vale de violência aberta. Alguns materiais se enquadram naquilo que Naomi Wolf chamou de "pornografia da beleza": a retratação gráfica do que seria culturalmente apreciado em termos de estética e performance. Embora não possa ser comparada com a pornografia dita "pesada", esse tipo de produção não passa ilesa. A desigualdade implícita e a idealização do corpo e prazer femininos permanecem contribuindo para a alienação corporal e sexual das mulheres, o que discutiremos adiante.

Neste momento nos interessa abordar um segundo tipo de pornografia, aquela que aproxima prazer e dor, falseando a noção de que a relação sexual satisfatória deva envolver aflição física ou moral. O deslocamento da retratação romântica da sexualidade para aquela sadomasoquista foi um processo cultural de amplo espectro. Não apenas na pornografia, mas nos meios de comunicação em geral, atestou-se grande crescimento de imagens de violência sexual tendo mulheres como vítimas. Meninas adolescentes com alfinetes de fraldas nas orelhas, boca azul cor de hematoma e roupas rasgadas que sugeriam embates sexuais surgiram na cena punk da década de 70, glamourizando a violência na dinâmica sexual.

Posteriormente, de moda de rua, o sadomasoquismo foi recebido na alta moda sob a forma de couro preto tacheado, pulseiras de couro e spikes (WOLF, 2020, p. 200). No final da década de 70 e início de 80, filmes baseados em violência sexual se tornaram comuns. Neste mesmo período foi aperfeiçoada a tomada de "primeira pessoa" ou de "câmera subjetiva" que estimula a identificação com o assassino ou estuprador. Paulatinamente, o sexo não era mais interessante se não contasse com uma medida de violência. "Enquanto mulheres lindas nos anos 1950 se casavam ou eram seduzidas, na cultura moderna, a beldade é violentada" (WOLF, 2020, p. 201).

O sadomasoquismo sexual, é uma esfera onde as posições de oprimido e opressor, dominador e dominado são consideradas aceitas, ou seja, onde a desigualdade não apenas existe, mas é prazerosa. Tal retórica promove grande prejuízo às mulheres, na esfera privada e pública, já que práticas íntimas têm sido cada vez mais associadas a proporcionais

desdobramentos psicossociais. Fato é que a hiperexposição tem o poder de dessensibilizar frente à violência sexual. A agressão nas relações interpessoais vai sendo assim banalizada, naturalizada.

Ser violada tem sido ofertado às mulheres como sinônimo de ser desejada. Um estudo analisou o conteúdo de 304 cenas de vídeos pornográficos populares. 88% das cenas apresentavam agressão física e 49% agressão verbal. Entre as formas de violência mais comuns estavam: sufocamento, puxões de cabelo, engasgos durante o sexo oral no homem, espancamento, insultos e tapas, sendo que em 94% dos casos as mulheres eram o alvo da agressão (BRIDGES *et al. apud* D'ABREU, 2013, p. 593).

A resistência feminina retratada na pornografia é outro fator preocupante. Chamada de "resistência simbólica", mulheres são apresentadas dizendo "não" verbalmente, mas se comportando como quem deseja dizer "sim". Mesmo quando forçada, ao final mostra aceitação e gozo. A narrativa subjacente aqui reitera mitos relativos ao estupro, no sentido de que sendo agredida, ao fim da experiência a mulher demonstrará deleite. Justiça seja feita, o impacto da pornografia não advém da simples imitação de seus consumidores em relação ao que é ali retratado. Outros elementos precisam ser considerados, tais como predisposição à agressividade, aspectos sociais e culturais que podem exercer influência para a conduta sexual coercitiva em alguns homens, mas não em outros.

6 Os obstáculos da alienação e despersonalização

Mulheres se veem com frequência alienadas de seu próprio corpo e sexualidade. A vultosa exposição de corpos femininos tecnologicamente tratados conduz a sentimentos persistentes de inadequação. A baixa valorização do próprio corpo é um dos elementos mais anti-afrodisíacos e evidentemente conduz a que se evite a intimidade sexual.

Enquanto a confiança sexual dos homens é protegida, a feminina é constantemente exposta e colocada sob crítica. É interessante notar que os parâmetros relativos ao que se considera obsceno é muito diferente para homens e mulheres. A lei britânica e canadense, por exemplo, interpreta um pênis ereto como obscenidade, mas não a exposição de vulvas ou seios (WOLF, 2020, p. 203) Nesse sentido, o corpo masculino é muito mais protegido em nossa cultura. "Em muitas culturas, quase sempre [estar nu ou vestido] exprime relações de poder. Nas prisões modernas os presidiários são despidos diante de carcereiros vestidos. No sul dos Estados Unidos, antes da Guerra da Secessão, jovens negros escravizados e nus serviam os senhores brancos, vestidos à mesa" (WOLF, 2020, p. 205).

Acrescenta-se o fato de que, tal retratação, feita a partir de um ponto de vista que não o seu próprio, impõe uma profunda lacuna em termos da autodeterminação sexual. A libido é uma zona desconhecida para muitas mulheres, uma vez que sua sexualidade não procura responder à questão sobre quem ela mesma deseja, por que e o que fará a respeito, mas se ela se desejaria, por que e o que pode fazer quanto a isso.

De maneira específica, a pornografia reitera vários comportamentos e atributos convenientes aos homens e alheios à realidade do desejo feminino. É muito comum que a libido masculina seja apresentada como urgente com a consequente necessidade de apressada atividade sexual unilateral, na qual a mulher é usada para satisfazer seu apetite, mas sem preocupação com contrapartida. Um estudo mostrou que 97% das cenas com relações heterossexuais de 45 filmes com conteúdo sexual explícito centravam-se na ejaculação do homem sobre rosto ou corpo feminino, o que ficou conhecido como culto do sêmen. (COWAN *et al. apud* D'ABREU, 2013, p. 593).

Por último, mas não menos importante, o tipo de socialização desde tenra idade oferecida aos homens, induz a que se concentrem mais nos corpos das mulheres e menos em sua personalidade. Se já não bastasse a instrumentalização de nossos corpos para a satisfação de desejos que não nos envolvem ou contemplam, a objetação promovida pela representação gráfica de corpos desvinculados de suas personalidades, ao erotizar um corpo vazio, ventila a ideia de conquanto se encaixe em determinados padrões estéticos, qualquer corpo feminino promoveria satisfação. A despersonalização rompe possibilidades de plena humanidade para as mulheres, que deixam de ser encaradas de maneira integral, bem como para os homens que certamente saem dos encontros com cascas sensuais sem o enriquecimento humano que a sexualidade almeja suscitar.

Tendo elencado alguns dos obstáculos constantemente erguidos diante da plenitude sexual das mulheres, resta-nos buscar alternativas de embate.

7 Cântico dos Cânticos: inspiração para o hoje

Composto por pequenas unidades individuais, o conteúdo de Cântico dos Cânticos já foi organizado das mais diferentes formas. Este tipo de esforço intenta dizer qual seja a essência e propósito da obra, bem como definir personagens e trama - encargo muito similar a prover uma moldura a uma bela pintura. Somada à dificuldade imposta pela diversidade de suas várias partes, está o fato de que o texto hebraico contém muitas palavras e expressões enigmáticas, o que conduz comentaristas a conjecturas e portanto, a desacordos.

Todos estes desafios não se pontuam a fim de desanimar à pessoa leitora, mas para sugerir-lhe cautela diante de leituras que intentem bater o martelo sobre sentidos e possibilidades. Nossa distância em relação à obra, a mantém envolta em fina camada de mistério. A despeito disso, Cântico oferece à matéria da sexualidade humana e em especial, da sexualidade feminina, apontamentos inspiradores.

7.1 A simetria é paraíso

Como poesia lírica, Cântico se vale de uma rica seleção de imagens, várias delas quase paradisíacas. Seu estilo recheado de cenas pastorais chega a causar certo estranhamento a ouvidos de uma sociedade altamente tecnológica. Essas várias metáforas são utilizadas em um esquema que dá atenção a ambos os participantes da relação, criando ambiente de profunda reciprocidade:

"Meu amado é branco e rosado,
saliente entre dez mil.
Sua cabeça é ouro puro,
uma copa de palmeira seus cabelos,
negros como o corvo
Seus olhos ...são pombas
à beira de águas correntes:
banham-se no leite
e repousam na margem.
Suas faces são canteiros de bálsamo,

"Como é bela, minha amada,
como és bela!...
São pombas
teus olhos escondidos sob o véu.
Teu cabelo… um rebanho de cabras
Ondulando pelas faldas do Galaad
Teus dentes... um rebanho tosquiado
subindo após o banho,
cada ovelha com seus gêmeos,
nenhuma delas sem cria.

colinas de ervas perfumadas;
seus lábios são lírios
com mirra, que flui
e se derrama" (5,10-13).

Teus lábios são fita vermelha,
tua fala melodiosa;
metades de romã são tuas faces
escondidas sob o véu" (4,1-3).

Ao contrário do que se pode atestar em livros da sabedoria tradicional de Israel, como por exemplo, Provérbios, Cântico desconhece misoginia. De maneira desinibida aborda a mulher e sua sexualidade, inclusive havendo nele, primazia das falas femininas. A desigualdade não é tônica possível no amor. Na verdade, nenhuma dominação é admitida, seja do poder real, familiar ou econômico. A rejeição à dissimetria estará também presente no uso feito da imagem do jardim. Acredita-se, havia o desejo de recapitular o relacionamento pelas lentes do Éden como que fazendo um comentário a Gênesis 1-3, dessa forma, "O amor é experimentado como retorno ao Paraíso" (KEEL *apud* SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2003, p. 347).

A inversão oferecida por Cânticos 7,11 ao texto de Gênesis 3,16 nos interessa de modo especial. Na esteira das consequências advindas da conduta pecaminosa, aponta-se à mulher: "Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará". Se em Gênesis a mulher encontraria dominação opressora por parte de seu marido, Cânticos 7,11 constatará a anulação da desigualdade que constituía a base dessa opressão: "Eu sou do meu amado, seu desejo o traz a mim". No juízo proferido em outro jardim, o desejo feminino encontra domínio, já neste, encontra satisfação.

Na literatura do Antigo Testamento o tema do amor entre homem e mulher é abordado, sobretudo, sob a perspectiva de geração de descendência. O Cântico dos Cânticos representa uma exceção. Destaca-se inclusive, que a maioria das especiarias e aromas mencionados no livro parecem ter sido utilizados na Antiguidade como meios de contracepção (BRENNER *apud* UEHLINGER, 2010, p. 647). No Cântico, o amor erótico extrapola as exigências sociais, sejam elas legítimas ou não. A revolução está em que a sexualidade e a concepção do ser humano não se deixa conter pela estruturação patriarcal. Não existe a necessidade de justificativas para a vivência da sexualidade de pessoas que se sabem pertencentes em uma relação de exclusividade. "Eu sou do meu amado, e meu amado é meu, o pastor de açucenas" (6,3).

No Jardim de delícias, jardim este que nos faz recordar aquele primeiro e paradisíaco, se percebe perturbações. Raposas que destroem a vinha (2,15), guardas que espancam (5,7) e algumas falas femininas que não possuem correspondentes (2,5; 5,8). A relação deles se circunscreve no cotidiano e este é perpassado de angústias e imprevisibilidades. O paraíso ainda não está plenamente estabelecido. A comunhão dos amantes, no entanto, evoca tamanha beleza e poesia, que ambos podem sentir-se novamente um: osso dos ossos e carne da carne. Compatíveis, companheiros igualitários.

7.2 Amor de paz e doçura

"Fala o meu amado, e me diz:
Levanta-te, minha amada,
formosa minha, vem a mim!
Vê o inverno: já passou!
Olha a chuva: já se foi!

"Vem, meu amado,
vamos ao campo,
pernoitemos nas aldeias,
madruguemos pelas vinhas
vejamos se a vinha floresce,

As flores florescem na terra,
o tempo da poda vem vindo,
e o canto da rola
está-se ouvindo em nosso campo.
Despontam figos na figueira
e a vinha florida exala perfume.
Levanta-te, minha amada,
formosa minha, vem a mim"
(2,10-13).

se os botões se abrem,
se as romeiras florescem:
lá te darei meu amor…
As mandrágoras exalam seu perfume;
à nossa porta há todos os frutos:
frutos novos, frutos secos,
que eu tinha guardado,
meu amado, para ti"
(7,12-14).

Algo intensamente evocado pelas imagens do Cântico é a harmonia. Em lugar da erotização do conflito, a conexão é provida pelo consenso e confiança. Em nossa cultura, a degradação tem recebido valor erótico que deturpa o deslumbramento da relação sexual. "A cultura popular redefiniu o sexo terno e íntimo como algo entediante" (WOLF, 2020, p. 197) oferecendo uma abordagem fatigada e abusada do sexo.

A amizade entre eles partilha a vida, suas experiências, eles veem com ternura as pequenas belezas da natureza e querem desfrutá-las com a pessoa amada. Não se vê qualquer desrespeito, antes uma ativa conduta no sentido de estimular o parceiro através de apreciação altamente pessoal. O erotismo aqui não é fetichista. O fetichismo trata uma parte como se ela fosse o todo. O cheiro, a voz, o movimento, tudo ganha sentido à luz da pessoa que anima o conjunto. Isso é olhar sexualmente para alguém sem reduzi-lo a pedaços, em profundo respeito por sua pessoalidade.

Ciente do outro como um universo incrivelmente particular, a fala amorosa é sempre aproximativa, as metáforas que utiliza não intentam descrever com precisão ou de maneira física, mas remeter ao efeito vivificador e fascinante que emana da pessoa bem-amada. Na pluralidade de sentidos contida em cada fala, procura-se acolher:

> Nenhuma palavra ou jogo de palavras diz da pessoa amada o que ela é de modo definitivo. De fato as palavras de um corpo no outro são inexatas e imprecisas, repetitivas e limitadas. Então os amantes vão buscar mediações, vão procurar palavras outras, de outras relações e mundos para descrever, se aproximar, expressar e traduzir a paixão intraduzível (PEREIRA, 1993, p. 151).

A harmonia de que desfrutam não é apenas pública. Um jardim de nogueiras (6,11), vinhas (7,13) ou a casa da mãe (8,2), os amantes procuram lugares reservados para seu amor, demonstrando qualidade em sua relação privada. Aqui não se teme a intimidade, nem se evita olhar nos olhos exatamente porque vivem seu amor embebidos de paz. A escolha que fizeram do outro não demanda aprovação externa, nem se trata de *status* que a beleza ou o poder deles pode prover.

A serenidade vivenciada entre eles diz respeito a uma experiência ainda mais íntima: a sensação de estar integrado. Ao contrário da segmentação humana que relações objetais promovem, Cântico reconhece e celebra a dignidade das afeições humanas. Os amantes assumem sem temor os desdobramentos da relação. Abraçam a si mesmos em sua integralidade permitindo um fluir natural de seus afetos:

"Filhas de Jerusalém,
eu vos conjuro:

Roubaste me coração,
minha irmã, noiva minha,

se encontrardes o meu amado,
que lhe direis?... Dizei
que estou doente de amor!" (5,8).

roubaste meu coração
com um só dos teus olhares,
uma volta dos colares" (4,9).

Modelos patriarcais de liberdade sexual, nos convenceram de que se desejamos nos colocar neste mundo, precisamos aprender a fazer sexo como os homens. Uma mulher livre sexualmente é encarada como aquela que não fará reivindicações posteriores ao sexo, num movimento de supressão de quaisquer emoções ou afetividade. Vivenciar a sexualidade nesse formato, nada mais é do que submetê-la à conveniência alheia, é receber um modelo de experimentação sexual que rouba esferas de nossa humanidade. Pior violência não há.

7.3 Autodeterminação e personalização

A iniciativa feminina é elemento sempre mui destacado no Livro de Cântico. A alienação em relação ao próprio corpo e desejo, não tem vez. A mulher protagoniza:

Que me beije com beijos de sua boca!
Teus amores são melhores do que o vinho,
o odor de teus perfumes é suave,
teu nome é como óleo escorrendo,
e as donzelas se enamoram de ti…" (1,2-3).

"Em meu leito, pela noite
procurei o amado de meu coração.
Procurei-o e não o encontrei!
Levantar-me-ei,
rondarei pela cidade,
pelas ruas, pelas praças,
procurando o amado da minha alma…
Procurei-o e não o encontrei!..." (3,1-2).

Sua performance sexual não é determinada pelo desejo dele, embora não lhe ignore. Muitas mulheres hoje, se veem obrigadas a práticas sexuais que desprezam, bem como impossibilitadas de pontuar momentos de ausência de sua libido. Sem possibilidade de se dizer não, o paradigma sexista de domínio sobre o corpo feminino continua sendo reforçado. Quando a sexualidade está a serviço de alguma outra instância, não se usufrui do próprio corpo como algo efetivamente seu.

A celebração da perfeição do corpo amado constrói o cenário propício à liberdade e deleite sexual. Os amantes entendiam que a vexação sexual é o que de menos estimulante um parceiro pode oferecer ao outro. Nesse sentido, a pornografia segue vilã. Wolf oferece uma interessante imagem para ajudar aos homens a entenderem o drama da pornografia da beleza para as mulheres: se meninas fossem socializadas desde cedo a verem homens como objeto, não passando por violência sexual, mas acessando a sexualidade masculina por meio de imagens baratas, bem iluminadas e fáceis de encontrar de rapazes um pouco mais velhos do que elas, sorrindo e mostrando pênis eretos cor de rosa ou café, ela bem poderiam se masturbar com tais imagens e 'precisar' delas quando adultas. Se elas recebessem um pênis artificial para sua iniciação, um que não tivesse curva, cabelo, com gosto de frutas silvestres e sempre disponível a seu apetite. Se elas fossem apresentadas a uma medida de comprimento e circunferência, se eles parecessem estar disponíveis a elas sem qualquer personalidade problemática a eles vinculada, com certeza, tal socialização, faria com que qualquer rapaz real tivesse medo da intimidade sexual.

As referências sexuais mencionadas pelos amantes dizem respeito deles mesmos, não foram importadas de outro país ou elaboradas de maneira artificial por sua cultura, o que evidentemente não significa que sejam construídas no vácuo, mas que eles resistam a padrões externos à relação. A sutil sugestão dos modelos é que se nos examinarmos minuciosamente em relação a eles, estaremos mais próximas do usufruto da nossa própria sexualidade; como se fossem equivalentes, possuir um determinado tipo de corpo e a possibilidade de experimentar prazer.

8 Considerações finais

O sexo é uma força ambígua, não o encarar dessa forma, revela grande ingenuidade. Em meio ao calor dos corpos não é possível fazer cálculos. A força da comunhão sexual não respeita as artificialidades a que querem confiná-la. O repetido mote de Cântico deixa entrever essa realidade:

> "Filhas de Jerusalém,
> eu vos conjuro:
> não desperteis, não acordeis o amor,
> até que ele queira" (8,4).

A despeito do que muito se propala, liberdade e promiscuidade não são sinônimas. E não se trata aqui de evocar moralismos vazios, mal refletidos e de duplo padrão. A prontidão para relacionamentos casuais reiteradamente defendida em nossa sociedade como liberdade, se constitui na verdade como idolatria do sexo, que mais cedo, mais tarde, cobra alto preço de seus partícipes, bem como lhes solapa usufruir com plenitude de seu próprio eu, bem como rouba tal possibilidade ao parceiro.

Ao fim do livro, o amor é apresentado permanente como a morte, enaltecido como algo próximo ao poder divino, poder que derrota o caos e se mantém indomável frente ao ímpeto humano de corromper a sacralidade das experiências mediante seu poder de compra:

> "Coloca-me
> como sinete sobre teu coração,
> como sinete em teu braço.
> Pois o amor é forte, é como a morte,
> o ciúme é inflexível como o Xeol.
> Suas chamas são chamas de fogo
> uma faísca de Iahweh!
> As águas da torrente jamais poderão
> apagar o amor,
> nem os rios afogá-lo.
> Quisesse alguém dar tudo o que tem
> para comprar o amor…
> Seria tratado com desprezo" (8,6-7).

A exclusividade e dedicação dos amantes deixa marcas e compromissos no corpo. Sendo Deus amor, nos fez para ele e por meio dele, portanto, qualquer tentativa de segmentar a potencialidade humana, seja pela exclusão da afetividade, seja pelo alheamento do corpo, nos distancia do sentido último da sexualidade: a comunhão do amor. Uma das grandes contribuições do Livro de Cântico dos Cânticos reside em que o corpo é afirmado como fonte de prazer e espaço de criatividade que reflete a integralidade humana: personalidade e emoções, e assim, resgata a verdadeira natureza do que seja o sexo, cujo deleite toda mulher pode agora vivenciar.

Referências

BÍBLIA do Peregrino: edição de estudo. São Paulo: Paulus, 2017.

BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000.

D'ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. Psicologia & Sociedade, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300013. Acesso em 25 mar. 2021.

DELGADO, Teresa. Este é meu corpo… que dou a vocês: antropologia teológica latina/mente. *In:* ABRAHAM, Susan; PROCARIO-FOLEY, Elena. *Nas fronteiras da Teologia Feminista católica*. São Paulo: Editora Santuário, 2013. p. 39-65.

FRETTLOEH, Magadelene Luise. O amor é forte como a morte: uma leitura de Cântico dos Cânticos com olhos de mulher. *Revista Fragmentos de cultura,* Goiânia, v. 12, n. 4, p. 633-642, jul./ago. 2002.

HOOKS, Bell. Uma política sexual feminista: uma ética de liberdade mútua. *In:* HOOKS, Bell. *O feminismo é para todos:* políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. p. 101-107.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Ah!... O amor em delícias! *Ribla – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, v. 15, n. 2, p. 143-155, 1993.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Violência contra a mulher. *Revista Concilium*, Petrópolis, v. 2, n. 252, p. 5-25, 1994.

SILVA, Júlio César Casarin Barroso. Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.143-165, jan.-abr. 2013.

UEHLINGER, Christoph. Cântico dos Cânticos. *In:* RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Orgs.). *Antigo Testamento*: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2010. p. 637-652.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Campos, 2020.

SCHWIENHOST-SCHÖNBERGER, Ludger. O Cântico dos Cânticos. *In:* ZENGER, Erich; BRAULIK, Georg; NIEHR, Herbert; STEINS, Georg; ENGEL, Helmut; SCHWIENHOST-SCHÖNBERGER, Ludger; SCHROER, Silvia; MARBÖCK, Johannes; JÜNGLING, Hans-Winfried; MEYER, Ivo; HOSSFELD, Frank-Lothar (Orgs.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 340-348.